

O bode expiatório

A CRISE bate forte nas escolas particulares do Rio de Janeiro. Colégios tradicionais enfrentam a perspectiva da falência, por não se curvarem a expedientes adotados por instituições menos sérias.

ESSE pode ser o lado mais doloroso da crise brasileira — porque as escolas boas são as fábricas de elites intelectuais, sem as quais o País afunda na mediocridade. É uma parte do futuro do Brasil que está em jogo na questão das escolas particulares.

NÃO precisaria ser assim — como lembrou, em entrevista ao GLOBO, Edgar Flexa Ribeiro, diretor do Colégio Andrews. Em outras épocas, mesmo a classe média estudava na escola pública, ficando a escola particular para os que tinham objetivos muito específicos em educação.

O QUE aconteceu depois disso? O criminoso sucateamento da estrutura de ensino público no Brasil. "O Ministério da Educação é um dos focos do atraso nacional, ocupado por donatários do Brasil feudal", denuncia Flexa Ribeiro. Vereadores e deputados se elegem com o dinheiro da educação; as verbas do Fundo Nacional para o Desen-

volvimento da Educação são utilizadas para garantir o voto dos grotões.

A ESCOLA pública transformou-se em massa de manobra para políticos inescrupulosos. A classe média, consequentemente, abandonou-a. "A escola pública se transformou no gueto dos pobres, que não costumam dar trabalho", enfatiza Flexa Ribeiro. "Nem mesmo é preciso pagar bem aos seus professores; pois não é para ensinar aos pobres?"

MAS até os pobres, um dia, percebem o engodo em que se transformou a escola pública; e assim teve início a lamentável peregrinação que é o lado mais doloroso da atual crise do ensino: famílias remediadas batendo à porta da escola particular, tentando a todo custo obter algo que está além da sua capacidade financeira.

NESTA situação, de gravidade de extrema, era preciso encontrar um bode expiatório; e, sem muita sutileza, ele foi encontrado: os donos de escolas particulares. Como a autoridade pública já não fornecia a educação que era sua incumbência, passou-se a vender uma ilusão: o controle

das mensalidades da escola particular, o que propiciaria um ensino bom e barato.

NÃO existe essa mágica. O colégio particular nunca foi barato. Se ele barateia as mensalidades além de um certo limite, esmaga o professor; e tem de usar de expedientes, como o aumento irresponsável das turmas, a vulgarização dos currículos, o abandono de qualquer nível sério de exigência.

ESSO triste teatro que se tenta encenar atualmente no Brasil. "Procura-se passar", reforça Flexa Ribeiro, "a ideia de que é possível saber sem fazer força; o que desemboca em plena permissividade pedagógica."

E UM processo que já vem de longe. O Brasil juscenista queria crescer; mas ficou hipnotizado com a industrialização. Nunca se pensou em fornecer ao futuro "Brasil grande" a base de conhecimento que, um dia, ia fazer falta.

OS resultados estão aí: ignorância, criminalidade, desorientação da sociedade. Não se escapa a esse quadro matando a galinha dos ovos de ouro da escola particular.